

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO . RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 10 DE AGOSTO DE 1862.

N. 14.

A ESPIA ou O SEGREDO DOS CARBONARIOS. POR FREDERIC SOULLIÉ (Continuação)

Humra celebre cantora italiana achava de ser contractada para a grande opera de Londres; seu director, que de proposito por ella fizera a viagem a Napoles, a acompanhava, e chegou a Paris, onde devião passar alguns dias. Apenas se espalhou a noticia desta chegada, que foi hum concurso de visitas e convites para a PRIMA DONA. O director fez obstinadamente recusar todos os convites, zeloso de sua conquista, e certo que a maior parte dessas cortezas só tinhão por fim organizar huma reunião de contradaças, onde por acaso se achasse hum piano, e por acaso ainda o melhor acompanhador de Paris; depois, ao lado do piano, as peças do repertorio inteiro da cantora, e por fim os mais distinctos amadores que deixarião escapar hum pezar; depois mostrado hum desejo, em pouco se formaria hum voto; hum momento depois seria huma supplica primeira de hum importuno, depois de hum grande, senhor; depois senhoras que implurião, hum grande artista que se põe de joellas, huma companhia inteira que applaude; e a cantora seduzida, arrastada, faz ouvir a humi multidão de ociosos, huma voz que custa 100,000 francos ao seu director; ora o director tinha exactamente inserido no contracto que a SINGORA só cantaria em Londres, apesar de qualquer pretexto que alias houvesse.

Contudo, como esta palavra excepção se introduz precisamente, donde parece que precisamente a quizerão desterrar, aconteceu que a SINGORA teve de fazer visitas em Paris a amigos da infancia, recebeu hum pedido de jantar com elles, e seria barbaridade recusar. Pobres refugiados italianos, aposentados no alto de Belleville, vivendo das soccorros do governo francez e de seus compatriotas, poderião tomar huma repulsa por hum despreso.

—Vis cantareis, SINGORA, dizia o director.

—Não ha piano nem harpa em casa desta pobre gente, dizia a cantora.

—Cahirá do sobrecão da cama; desenterraráõ alguma velha espinheta, alguma viola esquecida nas aguas furtadas, que sei eu? Cantareis diante de duzentas pessoas, e fica a minha conquista deflorada.

—Bravo! bravo! diz a cantora rindo-se as gargalhadas; duzentas pessoas em hum aposento de 100 escudos, com hum salão de dez pés quadrado, e huma alcova do tamanho da palma da mão.

—O salão só tem dez pés? disse o director com ar de bonhomia.

—E ha só seis cadeiras para assentes, disse a cantora.

—Nesse caso, disse o director, depois de madura hesitação, não creio que haja grande perigo; não quero tambem embarçar-vos de ver os vossos amigos. Ide, mas estou certo que cantareis.

E a cantora, rindo-se com delicias do medo do honrado director, pôz-se a cantar, semeando flonhos, fugas e volutas, que encantarião o pendente empregueador, que se apressou em ir fechar a janella, totalmente meia aberta, para prevenir, não hum defluxo, que haveria tempo de curar antes da primeira representação, mas para embaracar que algum visinho indiscreto pudesse ufanar-se de ter ouvido huma só nota dessa voz que lhe custava 100,000 francos.

Alguns dias antes deste jantar singular, o pobre italiano, que tinha obtido o que fora recusado aos maiores nobres da França, julgou ter achado a unica occasião de agradecer a Faviani os seus beneficios: veio dar-lhe parte da sua boa fortuna, e pedir-lhe que passasse a noite em sua casa. Faviani aceitou, tanto para dar prazer a este homem honrado, como para ver a sua celebre compatriota, e tudo ficou arranjado.

Nesse dia sir Henri, e alguns amigos de Faviani estavam em casa deste, e travou-se a conversação, sobre a desesperação em que estava toda a companhia BILETANTE, por ver assim passar a bella cantora sem recolher huma só de suas suaves intonações. Faviani se ufanou, rindo-se, de ser mais feliz que Paris inteiro; os visitantes, surprehendidos, quizerão saber o que queria dizer huma semelhante presumpção; a reserva foi extrema de huma parte, a curiosidade ardente de outra. Por fim o marquez, depois de deixar esgotar todas as supposições; depois que se pesou maduramente a influencia politica ou artistica de todas as notabilidades de Paris; para adivinhar a que tinha obtido um tão alto favor, o marquez, dizemos, confessou francamente a historia do pobre italiano.

—Oh! exclamou sir Henri, he huma fabula; hum pobre italiano que se chama dizeis vós?

—...

O marquez disse esse nome: Paris todo o soubo dois dias; Paris e eu o esquecemos.

—Hum homem que mora no alto de Belleville, não he?

—No alto de Belleville, respondeu Faviani.

—He impossivel, disse sir Henri, he huma má graça.

E sem esperar resposta, sahio no mesmo instante. Meia hora depois estava em casa da condessa de Palla; meia hora depois em casa da duqueza de D...; e, à noite, dez salões sabião a historia do pobre italiano; e no dia seguinte, á hora em que nos outros dias as ruilhas de todos esses salões ainda nem se lembravão se o sol tinha nascido, vinte equipagens seguião a rua de Belleville e paravão á

porta do poder, refugado. Foi hum abutimento inimaginavel para este homem a affluencia de tantos grandes nomes que o encheo de corizas, e que todos arabayao a sua graciosa visita por hum pedido de convite. Bom comprehendem elle o motivo, teve desajo de recusar, mas deixou-se levar pelo proprio orgullo de obsequiar tanta gente das altas classes, e so hum pedido repetiu com despreso, fuo de hum guido correto, que leve a impudencia financeira de lhe offerecer dinheiro.

—O famoso dia chegou. Ninguem poderia contestar-nos o direito de fazer aqui hum quadro grotesco desta singular assembly; mas, para estas pinturas he preciso huma mão leveza e inexaravel, e não he isso de nossa natureza; por isso não procuraremos mostrar todas estas senhoras cheias de diamante sobre suas enfiadas de palha, pedidas a toda a visibilidade, as quatro velas que alumavão a reunião, em castigos de cobre com as suas assucenas de papel. Seria hum quadro inteiro a entrada de cada convidado, gravemente recebido pelo *SIXON**** e *LA SCA-SOSA*, não achando onde sentar-se, muita feiz por se perder no intervalo de huma janela, ou na abertura de huma porta; em quanto alguma nobre dama, depois de ter olhado muito em roda de si, acabava por sentarse em metade de huma cadeira de palha que huma amiga compassiva se dignava offerecer-lhe. Fei a principio hum embarço singular, depois hum riso mal comprimido a cada recém-chegado, depois huma alegria louca, até que por fim as mangas gigantescas, tendo sido condemnadas ao mais completo achatamento, as flores e penos dos altos tocados aos mais desastrosos encontros, e tudo no maior aperto, a companhia se achou convenientemente empilhada no salão de dez pes.

Não temos que contar os triumphos da PRIMA DONA, os delirios dos ouvintes, os transportes dos DILETANTI, e os invidiosos arrebatamentos de sua furiosa admiración. Foi como em hum salão dourado, a comedia tão conhecida de todas as partidas musicas, representada em seu mais alto ponto de exaltação por desesperados, entre os quaes se achão palcos que suppoem sentir o que exprimem. Digamos somente que à meia noite tudo estava farto de musica, admiración e calor, e cuidou-se na retirada. Os amigos dos refugiados não quizerão augmentar a confusão da sabida, e ficirão para o fim conversando em pé; em pouco só restavão no modesto salão o marquez, sua mulher, a condessa e sir Henri. Reparou-se nisto, e quizerão retirar-se; mas, com grande surpresa de Faviani, havia á porta da entrada só o criado da condessa, com o capote de pelles desta, e o imperceptivel paguem de sir Henri que, com a sobrecasaca de seu amo no hombro, dobrada pelo meio, tinha grande difficuldade em embarcar que a gola e as alhas chegassem ao chão. Faviani indagou: a carruagem que o tróuxera tinha partido, havia muito, e não havia esperanças de achar outra á quella hora. Hum embarço penoso se pintou no rosto de todos, e o mal avisado italiano julgando arranjar tudo do melhor modo, disse —Mas a senhora condessa levará com prazer o senhor marquez....

Não, disse duramente Faviani, he inutil.... seria muita indiscreção.... a noite não está adiantada....

—Estais louco! exclamou sir Henri; faz hum vento do inferno, e cahê huma chuva de gelo; bom será se eu não ficar enregelado no meu miseravel CABRIOLET, depois do calor que aqui apanhámos

he morrer. Ha hum arranjo muy simples: que a senhora condessa se encarregue da senhora marquez, e eu vos conduzirei a vós.

—Não posso.... me affligiria se desarranjasse a senhora, disse Faviani muito embarçado.

A condessa tinha em todo este tempo conservado completo silencio. Sir Henri levantava os hombros, e Fiavilla não ousava falar. De repente o rosto da Octavia, sero até então, mudou de expressão; embrullhou-se com vivacidade no seu capote e disse a sir Henri rindo-se:—Estais esta noite de huma simplicidade completa. Ha hum arranjo muy simples, e de que não falais: levai-me no vosso cabriolet, e a minha carruagem ficará á disposição da senhora marquez.

Faviani, surpreendido desta proposta, quiz desculpar-se, quando a condessa acrescentou rindo-se:—Deixai, deixai, senhor marquez, he hum serviço que faço a sir Henri, ao menos assim o espero, e estou certa que o seu agradecimento m'o pagará por mais do que vale.

O marquez quiz absolutamente recusar, a condessa ficou muy seria.

—Sr. marquez, lhe disse ella, não sei se desajais que acredite no que, dizem, dizes a meu respeito: lembrai-vos que huma repulsa seria para mim huma prova.

Faviani, tão precisamente posto entre huma injuria grosseira a fazer a huma mulher, e um leve serviço a receber, talvez hesitaria ainda se Fiavilla, que ao menos achava singulares as prevenções do seu marido, não se apressasse em dizer:

—Aceitamos, senhora, aceitamos....

Apenas estas palavras foram ditas, que a condessa desceu rapidamente com sir Henri. Faviani entrou na sua carruagem quasi triste, e vivamente contrariado do obsequio que contrahia para com a marquez.

Dous dias depois, sir Henri chegou á casa de Faviani com ar de cuidado: vinha pedir noticia do Fiavilla, e fez saber ao marquez que a condessa, surpreendida pelo fro ao toroar de Belleville, estava gravemente indisposta. Esta nova apressou a visita que Faviani contava fazer a Octavia para lhe agradecer o seu favor. Esperou que a doença da condessa o embarçaria de ser recebido. Nesse mesmo dia se apresentou em casa della; seu DESASTRAMENTO foi grande quando se lhe fez saber que a senhora de Palla era visivel; era impossivel recusar: fez-se annunciar.

(Continua)

O Esmoler.

O Homem, crendo por Deos á sua semelhança, não pode deixar de ter parte em sua essencia.

Um sentimento occulto existe no ser humano; suas influencias se conhecem por isso que as sentimos; mas elle occulta se las sente, para que em balde o procuremos.

Este sentimento pois, é a parte que possuímos do Deos; não o comprehendemos, mas o acreditamos, bem como a Deos, não o percebendo. Elle porém não sempre existe! Ha circumstancias em que desaparece, e por dous modos: desapparece por não ser humano; porque é uma parte do Creator e não é da creatura.

Nas letras se abalisa um homem: impressos seos

e-scriptos, sua leitura nos em anda, nos arrevera lout-
Mires. Se elle da-se a conhecer, se o conhecemos,
nosso orbiassimto esalta, e como que ja não é o
mesmo escripto que era.

O Esmoler, que da nome protegido, despreza
sou pobre leido e em busca da humanidade soffre-
dora, lhe entrega com mãossecas e pão da carida-
do e algum diabo; não sente este praser interior,
que é o praser da alma; não sente as influencias
desse sentimento emanando de Deus a creatura, se,
atitadas suas precauções, seu protegido o descobre.
Ih! o Esmoler é sublime!

Sua pensamento voltado ao Creator, não ve na
terra, mais que um carcere empacotado por dores,
e não são pária. Isto lhe atitoda a consciencia, e
sua alma afirma, que no Céu ella existe.

Oh! o Esmoler é sublime!

Occupado em secar as lagrimas amargas do in-
fortunado, seu nome é bendito entre os infelizes: sua
missão é divina; elle imita o Creator.

Concentrado em sua habitação, busca ganhar com
heito esforço, para suprir sua numerosa familia; a
familia da pobreza. Qual santelmo apparece e faz
hom; e se o chegam a ver, é mais sua sombra;
que elle.

E elle é bendito!

Em sua triste oração, o mendigo, o infortunado
o recomentua a Deus.

E elle é feliz!

Um não sei que de inexpugnível, esse sentimen-
to, de que fallo, e ao qual chamarei Divino, be-
nedito o affago; pelo praser que sente com o
hom, que fez.

Quasi sempre, os homens, o escarnecem e riem,
sentem que, como elles, não apparece em ritidos
salões, em folgar contínuo. Sim, elles sentem que
o homem de fortuna, e que na piedade a gasta não
se ligar a elles para orgulhosos calcarem seus ir-
mãos desgraçados. Insensatos!... pensão que este
mundo é tudo!... Em seus loucos orgulhos e dou-
das ambigias, vida e fortuna com praser consomem,
e se o mendigo abatido, a supplice e descarnada
não lhe estende, um riso ou um insulto recato por
esmola.

Ai dos ricos que ultrajanto a pobreza se deslem-
brão, que em seu fogar é sempre Deus; que em
seus andejes quiz nascer! E julga indiz o espio-
ler... elles!... que em busca da ventura nem
dormindo encontram a felicidade.

Não assim o Esmoler. Recothondo-se de fazer
bem, consulta sua consciencia... placida o affaga...
ora a Deus... elle o consola... deita-se... tranquillo
dorme!

Mas sua vida é contingente; é necessario morrer.
Enfermo... gasta suporta as dores; cumprida
está sua missão; a hora derradeira sou... sorri quieto
e a Deus entrega o espirito.

Um dia passa!... traz a paz este! Nos albergues
da indigencia não apparece não que a minima.

Emballe a esperão!... Falta-lhe o pão... a fome
aporta... os miseros olhão para o Céu!

Uma boca inda... mais outra... a seu protector
não vem. Chora então a pobreza e se lamenta; e
porque chora!?

MORREU O ESMOLER.

F. P. da Cunha.

Chronica.

Dizem os inglezes que o tempo é ouro.
Na falta em que nos achamos desse metal
rei do mundo, sem o qual é nullo o homem
na sociedade, loucara fora esperar um
instante. E pois, que não quieremos ser
uma inutilidade, não gastaremos em diva-
gações o tempo que vale ouro, e passare-
mos correndo nessa revista á quinzena.

Forçeis o nariz, leitor?—

Tantas sobjas provas de que são sem-
pre imperfeitos serviços feitos á pressa.

—Trapalhada, trapalhada é o que dá a
tal economia de tempo. Maldito chronista
que tal systema adopta! direis talvez no
cumulo de vosso enfado.

Sois excessivamente injustos. Supen-
des, talvez, que somos como os correios,
que levão tudo á matroca, e andão sempre
atrazados por serem apressados demais e
os tormentos que lhe dáis, preparais tam-
bem para nós: raios queixumes, elamo-
res, sovocos de mestre?

Dissuadi-vos disso. Vou provar-vos co-
mo sou capaz de dar-vos sem extravio, ou
esquecimento de um só, toda a carga de
acontecimentos que me poz sobre os hom-
bros a expirante quinzena.

Vereis que tão tolo não sou, nem tão
desageitado, que me deixe cahir no vosso
desagrado ficando atrapalhado atraz dos
atrazados. Uge o tempo: mãos á obra.

Apriemeira e maior de todas as novida-
des, é que reina entre nós uma epidemia
terrivel, que ameaça reduzir-nos ao mais
deploravel estado.

É um mal que os Esculapios não curão,
e do qual se queixa o mundo inteiro.—É
a falta de dinheiro.

O enfermo que mais risco corra, e no
qual já se tornou chronico o mal é a res-
peitavel matrona, thesoureira da irman-
dade de Santa Catharina,

Receio muito do seu estado. Coitada!
por cumulo de males até está privada de
luz, e terá de andar ás tontas, aos trambu-
lhões na escuridão!

Se lhe não valer a misericordia do Pa-
dre Eterno, nunca mais se desprenderá

das garras terríveis da fatal molestia.

Edem digna do lastima.

Tão acariciada nos tempos felizes da sua grandeza, hoje vive amaldiçoada por todos ! Pobrec mãe ! secou-se-lhe o leite: maldizem-na. -Terribes filhos! os filhos

Se não depararmos com um específico para semelhante enfermidade, bem cedo pereceremos todos.

Estabelecer-se uma nova sociedade dramatica denominada *Juvenil Catharinense*, que dará suas recitas no theatro de S. Pedro.

Uma reunião de jovens amadores da arte, que muito promete.

Mancebos intelligentes e dotados de vontade forte tudo farão para merecer a protecção do publico.

E nos sempre grato a registrar estes factos, que patenteiam as nobres tendencias da mocidade que é a expressião mais legitima do futuro.

Sob as melhores auspicias a casa de ser fundada uma nova sociedade de dança denominada *União*.

A que já tinhamos o *Paraiso* continua ainda, e dá esperanças de engrandecimento futuro.

Estamos em maré de sociedades. Ainda bem que parece ir desenvolvendo-se entre nós o espirito de associação.

Domingo, 3 de Agosto, deu seu primeiro espectáculo no theatro de São Pedro o distincto prestidigitador maltez Agostinho Abella.

Quinta-feira houve outro. A todos tem concorrido grande numero de pessoas que se retiram sempre satisfeitas e rendendo ao artista os maiores elogios.

Consta-nos que brevemente haverá um espectáculo generosamente dado pelo distincto prestidigitador a beneficio do imperial hospital da caridade.

So assim é aceite desde já o Sur. Abella, as expressões de nossa gratidão.

Tem sido celebradas na igreja da veneravel Ordem Terceira noveas a Nosso Bom Jezus.

Grande numero de pessoas tem concorrido a ellas como é de costume.

Hoje celebra-se a festa, e prega ao Evangelho o insigne orador sagrado o Sur. Padre Paiva. A noite haverá *Te-Deum*, e progará o talentoso e já muito distincto Sur. Padre Cunha.

No Rio de Janeiro o *Grémio Litterario* deu no dia 5 de Julho um sarão artistico e litterario, a que concorreram perto de duzentas pessoas de todas as classes.

Noticiando este facto que tanto abona o progresso da litteratura entre nós, expri-me-se assim o chronista da *Saudade* a respeito do distincto catharinense o Sur. Dr. Luiz Bellino:

« O Sr. Dr. Luiz Bellino confirmou a ideia grandiosa, que de longe faziamos do seu talento, recitando um trecho das suas magnificas poesias, por cuja publicação ansiosos esperam os amadores de litteratura. Era a imaginação rica de creações de Vitor Hugo, inspirando-se de todas as grandezas desta terra, e annunciando os hymnos do porvir, que os poetas brasileiros hão de mandar mais tarde á Europa, como imagem da natureza que os cerca.»

Roa-naite.

POESIA.

ENLEVO.

Donzella, aijo d'amor, mimatimo é tua
Fitei meu coração, meus pensamentos,
De meu peito es raiado, nelle habitas,
Só por ti amo a vida e seus tormentos.

Es bello como o riso da innocencia
Como a rosca manã, es termã, és linda,
Ai! eu quizeo junto a ti agora
Gosar delicias de pureza infinda.

Quizeo a sos continuo ver teus olhos
Teus labios n'um surtir falar d'amor...
E depois... um só beijo, um só peche-te,
E morar de ventura e de langor.

Oh! quanto fora doce assim a morte
A morte da ventura no regaço,
Oh! se assim fosse, se os cantos dias
Acabasse junto a ti em doce abraço;

Então seria inteira a felicidade
Que Deus me deu, Ziznacem teu amor
E eu moraria abençoando a vida
Abençoando a morte, sem pesar, sem dor.

Destino 6 de Agosto 62.

Tavija